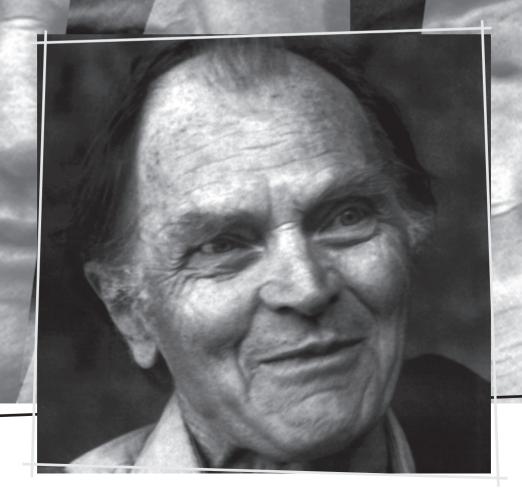
## IPATTI Feverabend,



## MILTON VARGAS

## o anarquista

autobiografia de Feyerabend, sob o sugestivo título de *Matando o Tempo*, vem-nos trazer à presença deste homem extraordinário, que introduziu na Filosofia da Ciência o "anarquismo epistemológico", tão de acordo com sua exuberante personalidade. Sua autobiografia, comoventemente interrompida, em fevereiro de 1994, pela morte, por um tumor cerebral inoperável, foi selada pelas últimas palavras que escreveu: "De certo modo, estou pronto para partir, malgrado todas as coisas que ainda gostaria de fazer; mas por outro lado, estou triste por ter de deixar este mundo esplêndido, especialmente Grazia, a quem eu gostaria de acompanhar por mais alguns anos".

Na outra página, o filósofo Paul Feyerabend

## **MILTON VARGAS**

é professor emérito da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Matando o Tempo, de Paul K. Feyerabend, São Paulo, Editora da Unesp, 1996.

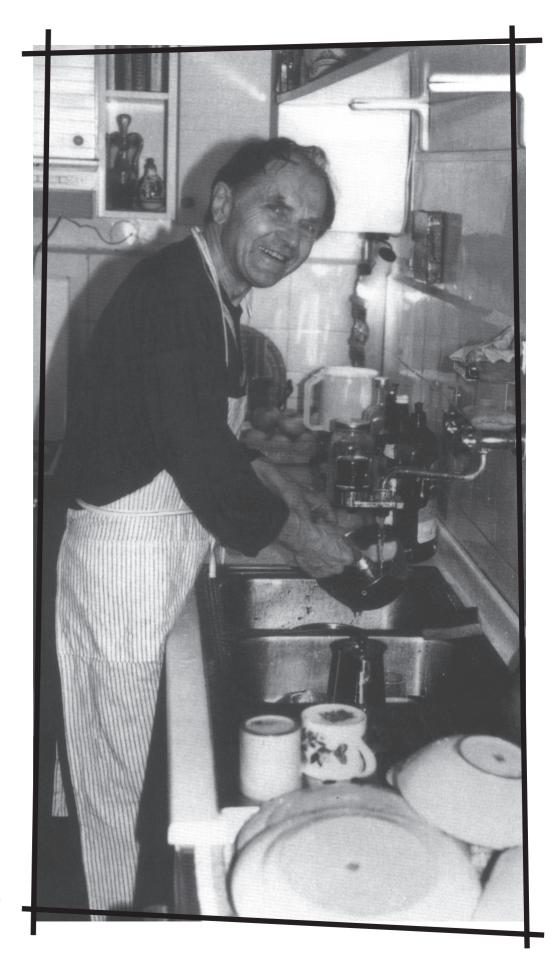


Foto favorita de Feyerabend. Roma, 1992

Sua vida – desde a infância em Viena, com seu pai, "uma boa pessoa" a quem Feyerabend confessa-se grato por seu amor, apesar de ter sido, para com ele, "um bastardo, tão egoísta"; com sua mãe, distante e infeliz suicida – vai-nos revelando sua ambígua maneira de ser. Sua ambigüidade já desponta em sua juventude, nos anos de guerra, desde a chegada de Hitler à Áustria, através do seu confuso comportamento heróico nas batalhas, até ter sido atingido por três balas que o deixaram parcialmente paralítico, mas contente de não ter de voltar ao fronte e poder dedicar-se ao canto lírico.

Depois da guerra, conseguiu matricular-se na Universidade de Viena para estudar Física, Matemática e Astronomia, e, ainda, continuar o canto lírico. Logo, porém, dedicou-se à História. Esta o levou à arte renascentista italiana - mas confessa que sua excursão à História foi um desperdício, e voltou à Física. Em suas incursões ao teatro, encontrou-se com Brecht, que o convidou para ser seu assistente em Berlim. Não aceitou. Essa diversificada atuação na universidade e na vida cultural de Viena explica sua cultura tão ampla e abrangente, tanto em ciências e filosofia como nas artes. Nessas andanças culturais é que foi reconhecido por Karl Popper como um jovem "digno de participar de seus sublimes debates". Essa aproximação deu-se devido a um pronunciamento de Feyerabend, em debate, sobre o trabalho de Ernesto Grassi e Thure von Uexküll, "que haviam discutido a verdade de um modo que, para mim, soara como um delírio inconsistente". Provavelmente são idéias que Grassi e Von Uexküll reuniram em livro, publicado em Berna, no início dos anos 50 (1). Grassi procura mostrar que o sentido das ciências da cultura (do espírito) está na busca de uma melhor formação do homem, originada nas disputae artium, entre as faculdades de medicina e de direito, no Renascimento, enquanto Von Uexhüll procura fundamentar a realidade e a objetividade da natureza, tanto orgânica como inorgânica, numa filosofia da biologia, em que a preocupação humanística está presente.

Em 1951, Feyerabend obteve seu PhD em Viena e candidatou-se a uma bolsa do British Council, para estudar com Wittgenstein em Cambridge; mas Wittgenstein morreu, e ele, em 1952, partiu para Londres a fim de estudar com Popper. As primeiras palavras que ouviu de Popper o impressionaram: "Sou professor de método científico, mas tenho um problema: não existe método científico. Entretanto há algumas regras práticas que podem ser bastante úteis". É possível que tenham sido essas palavras que induziram às primeiras idéias de seu "anarquismo epistemológico". De fato, as poucas páginas de sua autobiografia sobre esse seu primeiro contato com Popper sugerem a grande influência que exerceu sobre ele o ataque popperiano ao indutivismo, isto é, negando que as teorias baseiam-se em fatos empíricos. O ponto de vista de Popper, naquele momento interpretado por Feyerabend, era de que as teorias têm que ir além das evidências sensíveis. Isso poderia levar a concluir que a ciência seria uma espécie de metafísica, pois, como essa, vai além dos fatos. Porém, não o era, porque as teorias científicas poderiam ser refutadas pela experiência, e as metafísicas, não. E assim Feyerabend confessa que, com maiores argumentos ouvidos de Popper, passou a aceitar a idéia popperiana de "falsabilidade" das teorias científicas. Porém, confessa que mais tarde deixou de aceitá-la, considerando-a um perigoso resultado de um racionalismo crítico que levava a uma epistemologia ligada apenas a "padrões de excelência científica" e não com a "prática da ciência". Disso conclui que a "falsabilidade", se praticada sem subterfúgios, destruiria a ciência, tal como ela é conhecida. E Feyerabend conclui: "A ciência não é [...] 'irracional' - cada passo seu pode ser explicado [...]. Contudo, os passos tomados em conjunto apenas raramente formam um padrão abrangente que concorde com os princípios universais; e os casos que apóiam estes princípios não são mais fundamentais do que o resto". Aqui já anuncia seu ponto de vista que irá defender entusiasticamente uma sua obra mes-

I E. Grassi e Thure von Uexhüll, Las Ciencias del Espiritu y de la Naturaleza, Barcelona, Luis Miracle Editor, 1952.

tra: Contra o Método.

O restante de sua estadia em Londres foi dedicado à interpretação da teoria quântica, de Von Neumann e de Bohn, e a Wittgenstein, sobre quem publicou uma resenha na Philosophical Review, em 1955. Mas não queria viver só de especulações filosóficas e retomou o canto e a frequência ao teatro. Terminada sua bolsa de estudos com Popper, voltou a Viena em 1953. Mas considera que sua carreira só teve início em 1958, quando foi convidado para prestar concurso na Universidade de Bristol. É então que se encontra com Philipp Frank, o qual afirmava que "as objeções aristotélicas a Copérnico coincidiam com o empirismo, ao contrário da lei da inércia de Galileu". Confessa então que essas idéias foram as que mais tarde lhe serviram de argumento nos capítulos sobre Galileu do seu Contra o Método.

Em 1958 Feyerabend decidiu aceitar um convite para lecionar em Berkeley, Califórnia. Foi o começo de sua longa estadia de 32 anos nos Estados Unidos, centrados na Universidade da Califórnia. Dizse centrados mas não fixados, pois é um

período em que, de acordo com seu temperamento buliçoso, aceita convites para cursos e conferências nos Estados Unidos, Europa e Nova Zelândia, sem abandonar sua paixão pelo canto lírico, teatro e cinema. Mas é também o período em que adquire fama entre os filósofos da ciência, principalmente aqueles relacionados com a Filosofia Analítica, como Herbert Feigl, Carnap e Tarski. É dessa época, também, sua atuação junto aos estudantes revoltados de Berkeley, naquele período conturbado do final dos anos 60. Dessa atuação quase resulta sua demissão de Berkeley.

Nas suas andanças, encontrou-se em Londres com Imre Lakatos, a quem designa como "cruzado da razão e da ordem". Por outro lado foi Lakatos um dos primeiros que o designaram como "anarquista". Nas entrelinhas da "autobiografia" dá para se perceber a importância que teve para ambos esse encontro, como dois pólos da metodologia da pesquisa científica atual. De um lado a razão e a ordem; do outro, o "vale-tudo". Pois, no dizer do próprio Feyerabend, "o mundo, inclusive o mundo da ciência, é uma entidade complexa e dis-



Feyerabend com a mulher Grazia Borrini em Berkeley, 1983

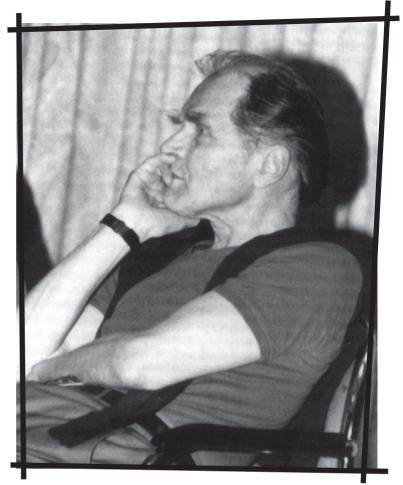
persa, que não pode ser capturada por teorias e regras simples". Contudo não se pode negar a necessária racionalidade dos resultados da investigação científica. Um estudo aprofundado comparando os pontos de vista, aparentemente opostos, de Feyerabend e Lakatos – porém, aproximados por uma simpatia mútua – seria extremamente interessante.

Foi então que Feyerabend preparou o seu Contra o Método que, segundo ele próprio, "não é um livro, é uma colagem", reunindo, sob um ponto de vista único, uma série de publicações anteriores, inclusive um ensaio, publicado em 1968, com o mesmo título. Nesse livro extravasa seu espírito polêmico e fundamenta seu "anarquismo epistemológico", baseado principalmente na contestação de opiniões de outros filósofos da ciência, que viam nela essencialmente a racionalidade. Complementando esta resenha da autobiografia de Feyerabend, adiante tentar-se-á analisar o próprio texto do livro em questão, com a finalidade de esclarecer em que consiste o seu anarquismo. Será de se notar a mais a coincidência do significado da doutrina epistemológica do "vale-tudo" com a personalidade agressiva e exuberante do seu autor.

• • •

Antes porém de examinar o próprio texto de Contra o Método, seria conveniente relembrar a origem metodológica da ciência moderna, tal como ela surgiu no início do século XVII. É geralmente aceito que essa origem é tripla. Está no Novum Organon de Francis Bacon, o iniciador do empirismo inglês; encontra-se no Discours de la Methode de Descartes, com o racionalismo francês; e, finalmente, aparece nos Discorsi Intorno a Due Nuove Scienzie de Galileu, no qual ele, no fim da vida, procura pôr ordem em seus argumentos, os quais até então poderiam ser considerados algum tanto ad-hoc.

Bacon aconselha investigar a natureza a partir da preparação de listas de fenômenos observados, desde que o investigador



livre-se de todos seus preconceitos individuais e sociais (*idola*), e proceda a investigação pela indução das causas desses fenômenos, a partir da regra: presente o fenômeno, presente a causa; ausente a causa, ausente o fenômeno.

Descartes aconselha só admitir algo como verdadeiro quando esse se mostre evidente, acima de qualquer dúvida; repartir a questão em partes, ordenadas sucessivamente das mais simples às mais complexas; resolvê-las sucessivamente, por dedução, a partir da mais simples; e, finalmente, não se descuidar de rever cuidadosamente todos os passos da investigação.

Galileu parte da concepção, pela mente, de uma conjetura (algo que se pensa como plausível mas não necessariamente verdadeiro); deduz, então, dessa conjetura, preferivelmente por matemática, uma conclusão particular. Finalmente verifica essa conclusão, comparando-a com uma experiência; mas o que pouca gente lembra é que essa experiência, ou observação, deve

ser preparada de acordo com a teoria armada a partir da conjetura.

Mas a prática da investigação científica não é tão simples como o esquema desses métodos faz supor. O caminho da dúvida, seu esclarecimento, apoiando-se o investigador em sua própria dúvida – que é a essência desses métodos –, muitas vezes apresenta-se tortuoso. Disso resulta a combinação de regras metódicas, o aparecimento de novas regras e, conseqüentemente, a aparência anárquica da investigação científica, denunciada por Feyerabend.

Por outro lado, conviria analisar uma metodologia científica diferente da dos luminares da filosofia das ciências, tais como Popper, Kuhn, Lakatos, Feigh e o próprio Feyerabend, demasiadamente comprometidos com os aspectos internos da investigação científica. Uma visão existencial da ciência é, por exemplo, a de Karl Jaspers, em seu pequeno ensaio "A Natureza e o Valor da Ciência" (2). Jaspers não é um filósofo da ciência, mas, como médico psiquiatra, tem uma compreensão prática do que é a atividade científica, o que lhe permite uma visão externa da natureza e do valor da ciência, porém, não totalmente descomprometida de sua prática.

Jaspers inicia seu ensaio afirmando: "A ciência é um conhecimento metódico cujo conteúdo impõe-se como irresistivelmente certo e universalmente válido". Isto é, a ciência conjuga método a conhecimento certo. É uma postura existencial completamente diferente da dos analistas acima citados. A ciência é vista como um tipo de conhecimento que domina a mentalidade dos homens de hoje. Impõe-se como verdadeira de tal forma que é tida como indispensável para manter a existência humana, na forma ocidental que veio a impor-se globalmente. Jaspers não trata dos problemas da investigação científica para atingir tal sistema de conhecimentos, mas sim da universalidade e certeza dos conhecimentos adquiridos metodicamente, isto é, o mais possível, independente das opiniões, preconceitos e temperamentos individuais dos investigadores. Contudo, sem dúvida, tais conhecimentos só são válidos e certos dentro do mundo moderno, e negá-los seria negar as bases sobre as quais esse mundo moderno estabeleceu-se, pois a metodologia científica, como acima esquematizada, é parte integrante dessas bases.

Essa visão existencial da ciência parece totalmente irreconciliável com a visão analítica de um Popper sobre o caráter "falsável" das teorias científicas. Mas, se a "falsabilidade" popperiana for entendida como "falseamento": de teorias, anteriormente verificadas como verdadeiras, por uma nova experiência, e, por outro lado, como a vê Jaspers, como auto-impositiva, então essa irreconciliabilidade desaparece, numa síntese dialética. Isto é, a verdade científica auto-impositiva e o seu caráter de teoria falsável por uma nova circunstância experimental poderiam ser sintetizados na idéia de que a verdade científica, além de se impor como universal, é relativa às circunstâncias experimentais. Isso é compreensível quando se observa que a teoria da gravitação de Newton, embora falseada pela experiência de Michelson e Morley, não foi simplesmente substituída pela teoria da relatividade, mas continua impondo-se como verdadeira em todas as circunstâncias em que os corpos movem-se com velocidades muito inferiores à da luz - como é o caso da grande maioria dos problemas tecnológicos. Contudo não se pode negar que as três posições – a de Jaspers, a de Popper e a da síntese dialética - decorrem de crenças metafísicas diferentes, isto é, de diferentes idéias do que seja a realidade.

Diante de tudo isso, como se poderia entender a frase introdutória ao livro de Feyerabend, *Contra o Método*, publicado, pela primeira vez, no final dos anos 60, na Inglaterra? "A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico; o anarquismo teorético é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei." Logo em seguida Feyerabend diz que chegou a essa conclusão por meio da história da ciência e pela sua análise das relações entre a idéia e a ação na pesquisa científica. Conclui, conseqüentemente, que

<sup>2</sup> Karl Jaspers, "La Natura e il Valore delle Scienza", in *La Mia Filosofia*, Roma, Einaudi, 1941.

"o único princípio que não inibe o progresso é: *vale-tudo*".

É uma tese que Feyerabend irá tentar provar em seu livro, mas de início adverte que não se trata do anarquismo político, mas sim de um anarquismo epistemológico, o qual será defendido com base em casos históricos. Parte da análise do procedimento de Galileu, na defesa que faz do heliocentrismo de Copérnico, mostrando como suas conjeturas ferem o que se admitia, até então, como evidente. Com efeito, seus argumentos, baseados em suas observações telescópicas, sobre os satélites de Júpiter, as fases de Vênus e as manchas da Lua, não destroem a "evidência" de que a Terra está parada e o Sol levanta-se de manhã, percorre o céu, e deita-se à tarde. Aliás, o sistema de Ticho Brahe explicaria satisfatoriamente as observações telescópicas de Galileu, sem deixar de manter a Terra parada no centro do sistema.

Havia o assim chamado "argumento da torre", pelo qual os aristotélicos procuravam mostrar que a Terra estaria parada, uma vez que, deixando cair um corpo pesado do alto de uma torre, ele tombaria na vertical. em vez de se destacar centenas de metros para leste, arrastado pelo movimento da Terra em torno do Sol. Assim, a teoria heliocêntrica era desmentida por um fato inegável. O próprio Galileu não pôde negar que os corpos pesados tombam de uma torre na vertical. Porém esse, como qualquer fato, depende de pressupostos ideológicos ou concepções antigas. Interpretá-los, no contexto de novas concepções da realidade, exigiria não só uma violência com aquilo que é percebido sensivelmente, como também uma reforma radical da visão do mundo. Foi o que Galileu fez ao introduzir o princípio de que todo movimento é relativo; não existe o movimento absoluto, quer retilíneo quer circular. Para comprovar isso ele é obrigado a recorrer não a uma experiência sensível, mas à experiência ideal de um barco que navega em mar calmo de Veneza e Alexandria, no qual, se alguém deixar tombar uma pedra do alto do mastro, ela cairá justamente em seu pé. Apesar de tudo "a Terra se move", afirma enfaticamente Galileu, depois de ter-se retratado perante o Santo Ofício.

Feyerabend vê na defesa de Galileu de que a Terra se move um verdadeiro "valetudo" para fazer progredir a ciência. Contudo é possível interpretar-se esse "valetudo" não como uma violência contra o método científico, porém, como uma radical transformação da visão global do mundo, pela qual surge não só uma nova ciência como também um novo método. Isso. porém, não difere do ponto de vista de Feyerabend pois são suas as seguintes palavras: "O primeiro passo dado por Galileu, ao examinar, em conjunto, a doutrina copernicana e a interpretação natural comum, mas não explícita, consiste portanto em substituir essa última por outra interpretação. Dito de maneira diferente, ele introduz uma nova linguagem de observação".

Dessa forma Galileu inventa uma nova espécie de experiência. Não é mais a da visão direta dos fenômenos, mas uma experiência organizada de acordo com o que primeiro ele concebeu com a mente. É o chamado "experimento" científico. Assim, nos Discorsi Intorno a Due Nuove Scienzie, a comprovação da idéia inicial de que os corpos caem com velocidade uniformemente acelerada tem que ser feita com um "experimento" em que o atrito e a resistência do ar são praticamente eliminados.

Feyerabend resume conclusivamente a atuação de Galileu, com as seguintes palavras: "O que se faz necessariamente, para submeter a teoria de Copérnico a teste, é uma concepção do mundo inteiramente nova, onde se registra uma nova concepção do homem e de sua capacidade de conhecer".

Em conclusão: o anarquismo epistemológico de Feyerabend, apesar de sua pessoal descrença na segurança, certeza e indubitalidade da ciência, não é nem uma oposição à ordem estabelecida, como é o caso do anarquismo político, nem um ceticismo que desiste de valorizá-la. Consiste essencialmente em defender qualquer enunciado que encerre uma conjetura plausível, por mais absurda que pareça, desde que

prometa um progresso dos conhecimentos. Tal posição, na opinião de Feyerabend, é semelhante à dos dadaístas, que propunham a arte como antiarte. O anarquista epistemológico, como o dadaísta, diante de uma conjetura inovadora, tanto pode recorrer à razão, "descobrindo razões fortes para fundamentar doutrinas desarrazoadas", como recorrer à emoção e à propaganda para defendê-la. Desobriga-se, assim, como Galileu o fez, da aceitação de regras metodológicas anteriores. Mas não se obriga a sempre romper com as regras; tanto pode opor-se a princípios científicos vigentes como defender a pureza científica, em prol do progresso científico.

Os dez anos antes de sua aposentadoria foram aqueles em que Feyerabend atingiu pleno sucesso em sua carreira, ministrando aulas e orientando seminários, um semestre em Berkeley e outro no E. T. H. de Zurique. Seu anarquismo enfurecia al-

guns dos seus ouvintes, decepcionava a outros, mas encantava a todos, alunos e colegas, pelo brilho de seus argumentos e entusiasmo com que os pronunciava. Levou ao seu clímax a desconstrução de conceitos gerais arraigados na mentalidade moderna européia. Foi nessa época que conheceu sua última esposa, Grazia Borrini Feyerabend, com quem se casou em 1989. Em suas próprias palavras: "[sem ela] eu nunca viria a saber o que significa amar verdadeiramente uma pessoa". Contudo, para bem entender o significado dessas palavras na boca de Feyerabend, é preciso entender que, para ele, esse tipo de amor "não está sujeito nem ao intelecto nem à vontade: ele é o resultado de uma constelação afortunada de circunstâncias. É um dom, não uma conquista". Pois é essa "constelação afortunada de circunstâncias" que é descrita magnificamente na autobiografia de Feyerabend.

